

Padre José Maurício

Reproduzimos do ultimo numero da "Revista do Brasil" o seguinte trecho da magnifica palestra que a illustre escriptora d. Julia Lopes fez recentemente no salão do Conservatorio, a convite da benemerita Sociedade de Cultura Artistica de São Paulo.

Feito de contradições, d. João era um homem intelligente, progressista, espirituoso, ao mesmo tempo que bonachão e beato. Tendo de guardar as conveniencias de uma individualidade á parte, elle só desabafava na confidencia da praça ou seus desesperos de filho le louca e de marido atormentado. Fazendo, com a sua apparencia de indolente, a obra grandiosa da organização de um paiz; sabendo colher os seus ministros — tacto politico de quem dispõe de uma psychologia fina e meditada; e sabendo ainda melhor aproveitar as occasiões apropriadas para os impulsos de iniciativas difficeis de pôr em acção; elle tinha gestos abstractos, interrompidos materialmente pela intercorrença de idéas e de cuidados superiores...

Para a agitação intellectual e moral em que forçosamente vivia, só encontrava o principe refrigério e consolo na musica, que adorava, como todos os Braganças. Grande conhecedor da arte de Palestrina e das praticas do culto, ia frequentemente a missas cantadas e a "Te-Deum" ajudar o cantochão. Uma vez, na Cathedral, impressionado pelos acordes de uma musica nova, desconhecida par elle, pousou as suas bonitas mãos brancas e polpudas sobre o acolchoado de seda carmezim da tribuna real, e voltou os olhos ató-

nitos para o côro. Um maestro pardo, alto, de fronte larga, regia admiravelmente a orchestra e o côro de vozes bem escolhidas. Acabado o officio quiz d. João comunicar-lhe a deliciosa impressão que a sua musica lhe produzira e mandou-o chamar. Se o individuo modesto, humilde mesmo que era José Maurício, estremeceu de confusão pela deferencia do principe, o seu orgulho de artista, que era nelle grande e legitimo, exultou! A apresentação estava feita, e pela melhor maneira. Desde esse momento o maestro começou a ser indispensavel ao rei.

Foi então nomeado mestre de capella da Cathedral, com o ordenado de seiscentos mil réis annuaes, o que não era mesquinho naquelle tempo, em que uma libra de assucar custava dois vintens e um frango alentado oitenta réis.

Vendo a sua subsistencia assegurada, José Maurício começou a trabalhar com enthusiasmo e a produzir louca e febrilmente. Emfim! havia alguém em que o seu sentimento repercutia, a quem a sua commoção inebriava! Desde então d. João VI foi todo o seu publico, todo o seu estimulo. E elle era insaciavel, o principe! a cada composição ouvida, pedia logo outra, na certeza de que conhecia o seu homem, e previa

tudo quanto elle podia dar. E o repentista fulo, estimulado pelo applauso real, vibrando ao delicioso frémito da inspiração, escrevia originaes novos para cada sessão a que ia no Paço, e compunha em vinte dias a sua famosa missa — "A Degolação de S. João Baptista"; e escrevia tambem em prazo precipitado a sua opera para o Theatro de S. João — "Le due Gemello". — Os seus autores queridos eram Beethoven, Haydn e Mozart, a divina triade da musica. Essa preferencia, demonstrativa do seu bom gosto, é tambem reveladora de independencia de character artistico, pois naquelle tempo era o amor á escola italiana o que impedira na sociedade de que elle fazia parte, e a qual lisonjearia se transigisse de algum modo com a sua maneira de sentir... Mas elle não era vaidoso, era sincero; não escrevia para os outros, mas para si mesmo, como todo o artista verdadeiro. Repellido suggestões de outras musicas e de uma roda de amigos mal orientados, elle revelava-se assim um espirito de eleição, sem nada de banal.

Era um espontaneo, sim, mas um espontaneo que sabia apurar na arte as exuberancias da sua espontaneidade, moderando-lhes os impetos, dando-lhes cohesão, na pureza de uma contextura rigo-

rosa, sem entretanto lhes tirar a frescura nem a graça primitiva.

Nos salões do Palacio, entre os setins roçagantes da estonteada d. Carlota Joaquina e o lamentoso uivar da "Rainha Triste" elle sentia como em um mundo diverso, em missão misericordiosa...

Eram os acordes das suas grandes mãos escuras no pallido teclado inglez do piano do Paço real que apaziguavam o peito alanceado do Principe Regente.

Depois de amargas e impertinentes discussões, enquanto pelas alamedas do parque ou pelas ruas esburacadas da cidade galopava a toda a brida a fogosa princeza, d. João VI, pallido, silencioso, mãos cruzadas sobre a seda do collete que o ventre arredondava, labio pendente, olhos semi-cerrados, ficava-se a ouvir enternecidamente, religiosamente, as harmonias do autor mestiço, longe das intrigas da côrte, alheado dos tormentos da sua vida, tão agitada no scenario politico como no scenario domestico.

*

Se outros lá fóra, e mesmo dentro do Paço, motejavam por inveja ou preconceito de raça do pianista de côr, sua alteza sentia por elle amizade e admiracão crescente. Talvez porque lhe tivessem chegado aos ouvidos alguns conceitos

desagradaveis ao maestro, elle aproveitou o primeiro e melhor ensejo para lhe dar testemunho publico do alto prego em que o tinha. Para essa prova escolheu uma hora em que os salões do Paço estavam repletos de fidalgos e de cortezãos e pediu a José Maurício que improvisasse ao piano. Era uma noite de festa, uma dessas noites suggestivas, que transmittem á imaginação de um artista facilidades mais vivas de expressão. De tal modo José Maurício se sentiu electrizado e tocou, que ao ouvir-lhe a ultima nota o principe ergueu-se, todo a vibrar enthusiasmo, e foi tirar do peito de um fidalgo, o visconde de Villa da Rainha a commenda de Christo que em seguida pregou no do maestro. Houve um momento de silencio na sala estupearia. O infante d. Pedro applaudiu o gesto, com um olhar de moço entusiasta e d. Carlota Joaquina repençou nos dedos impacientes as varetas de madreperola do seu leque hespanhol...

Nessa noite José Maurício entrou em casa a arder na febre do enthusiasmo e foi acordar a mãe que dormia. Quando a pobre crioula abriu os seus cansados olhinhos de velha e viu reluzir sobre o peito do filho aquella estrella rutilante, rompeu a chorar de felicidade e de orgulho...

Estabelecida a côrte no Rio de Janeiro, foram chamados ao Brasil alguns maestros europeus. Com a colonia artistica dirigida por Lebreton para fundar a Escola de Bellas Artes veiu para professor de musica o maestro allemão Segismundo Neukom, homem de muita competencia profissional e que tendo ouvido o padre José Mauricio declarou consideravel-o — "o maior repentista do mundo".

Essa espontaneidade foi tambem apreciada pelo maestro Marcos Portugal, a quem os biographos de José Mauricio se referem com injustificada antipathia pelo motivo de ter havido entre ambos os maestros certas rivalidades artisticas...

Entretanto, essa circumstancia só poderia ser lisonjeira ao maestro mestiço porque Marcos Portugal trazia já da Europa um nome feito e considerado. Autor de mais de quarenta operas applaudidas pelas principaes platéas do mundo, elle era tão notavel que fóra eleito socio correspondente do instituto de França por indicação dos grandes compositores Lesueur, Monsigny e Mehul, que o tinham na conta de um dos homens "que mais serviços prestaram ás artes". Pessoa culta, viajada, de modos naturalmente muito diversos daquelles a que o nosso povo estaria então acostumado, viu levantar-se contra si certas prevenções.

Começou assim com elle a rivalidade para o talento de José Mauricio. A manifesta preferencia de d. João VI por este, suscitou no publico a criação de partidos. Houve com isso uma illusão de inimizade entre os maestros; illusão aperas, que o tempo desfiz, porque acabaram amigos.

A maior parte das vezes, a ojerisa notada entre certos individuos é meramente originada por insinuações de terceiros, que por inveja ou por outro qualquer sentimento, dos infinitos que o coração humano cria e alimenta, agulam odios ou malquerenças...

Marcos Portugal morreu pobre, amparado pela marquezia de Aguiar.

*

Com a volta de d. João VI a Portugal, esmoreceu o estro de José Mauricio. Foi pena que o grande rei o não tivesse levado consigo. Lá, o espirito impressionavel do artista encontraria um meio mais propicio ao desenvolvimento do seu trabalho, e uns bafejos nunca antes sonhados para os seus ideaes.

Bastaria para isso sentir o seu pensamento unificar-se á grandesa das architecturas historicas, quando sob as abobadas dos vastos mosteiros e cathedraes fizesse soar a sua musica sacra. Mas, ou porque o rei o não tivesse convidado, o que não pôde parecer provavel a ninguem, ou porque elle mesmo, preso talvez por novas afeições especiaes não quizesse ter ido, o caso é que aqui ficou na banalidade de uma vida sem enthusiasmo nem emoções artisticas, entrando logo a entristecer-se e desiludir-se...

A sua musica não era a da indole do rei novo, d. Pedro I, moço arrebatado, destro, airoso amigo dos exercicios physicos e cuja educação musical tinha sido feita pelo maestro allemão Segismundo Neukom. — porque tambem elle, d. Pedro I, era compositor musical de certo merecimento: Embora não morresse de amores pelas profundezas do canto-chão, nem

fosse de indole a se impressionar com o mysticismo dos canticos religiosos, escrevera uma missa e, além do Hymno da Independencia, que todos conhecemos, compuzera tambem uma symphonia de grande orchestra, uma opera em portuguez cuja abertura foi executada num grande concerto do Theatro Italiano de Paris, no mez de Novembro de 1832, com outros trechos seus, citados por Fetic, segundo notifica a "Grande Encyclopedia".

A nova era trazia assim outras idéas, e outros habitos, e gostos. Passavam-se agora os dias sem que o padre José Mauricio subisse as escadarias do Paço, e fosse acariciar com os seus fortes dedos escuros o teclado inglez do esplendido piano, de que o rei mego tirava sonoridades differentes e profanas. Sem deixar de trabalhar, o padre José Mauricio sentia, desanimado, que a sua musica se enfraquecia, entrava na desesperadora phase da decadencia; escreveu, por desenfado, algumas peças de estylo italiano, mas não o animou a experiencia.

Oh, os bons tempos que iam desapparecendo na vertigem das horas enigmaticas!

Com d. João VI, elle sentia faltar-lhe todo um publico; e um artista a quem falte o publico é como um navio a que falta calado sufficiente: — encalha.

Já com o passo tarde e a mão frouxa, José Mauricio continuava sempre a espargir em torno de si a sementeira pròvida e gratuita das lições de musica, e tão proficua foi ella, que tornou o Rio de Janeiro, no dizer de um dos seus biographos, na — cidade dos pianos. — Esse era o seu modo de accender luzes no altar em que a

Arte lhe sorria, como uma Nossa Senhora de belleza humilde...

*

No mesmo dia em que a rainha louca, d. Maria I, descansava do seu soffrimento cerrando os olhos á vida, morria placidamente entre os braços do filho, e já velhinha, a bondosa crioula da Guiné a quem coube a gloria de ser mãe de José Mauricio. A dor profunda dessa perda deu elle desabafo escrevendo a "Missa de Requiem" para os funeraes da soberana, obra que passa por ser a mais bella entre todas as que escreveu, porque a traspassou talvez com as suas proprias lagrimas... Desde então o padre José Mauricio podia dizer como o poeta Alfred de Vigny — "Sempre a mesma vida; deixo a doença pelo desgosto e o desgosto pela doença." — Num dia de melhor saude, sahindo de casa elle caminhou para a igreja com a idéa de ir tocar organ; mas logo á porta do templo estacou a ouvir extasiado uma linla musica que se tocava lá dentro. Uma expressão de verdadeiro gozo espirital espalhava-se pelo seu longo rosto, que a idade avançada ou a sombra de tantos trabalhos e desgostos, tornava mais escuro.

Um dos seus antigos discipulos aproximou-se ao vel-o e cumprimentou-o, e elle por unica resposta, perguntou-lhe:

— Que musica é esta?

— E' sua, padre-mestre, pois não se lembra?

— Minha? Mas quando a escrevi eu?...

— No tempo do rei velho.

— Ah...

A evocação de d. João VI encheu de lagrimas os olhos do maestro e

elle murmurou a meia-voz, com movidamente:

— Naquelles tempos, quando me assentava á mesa para trabalhar, eu via diante de mim a figura de el-rei, e tinha nos meus ouvidos uma orchestra immensa e prodigiosa: Muitas noites não pude dormir porque essa orchestra me acompanhava, e era tal o seu effeito, que não conseguia fechar os olhos...

Por desgraça nunca pude escrever fielmente aquillo que ouvia...

E depois, com fingida resignação:

— Hoje, só ouço o cantar dos grilos, os meus gemidos e o ganir dos cães, que me entristecem e me incommodam...

E nesse desconsolo, mas sempre trabalhando, sempre fazendo as suas notas diarias com que methodisava e commentava a vida, ou procurava talvez disfarçar a dolorosa melancolia da decadencia, elle resistiu até que, numa manhã de Abril de 1830, adormeceu para sempre... Morreu ouvindo talvez os sons longinquo e intraduziveis daquela orchestra immensa e prodigiosa, a que alludira tão saudosamente. Amortalhou-o o filho, filho nascido não sei de que amor, a que não ha referencias na sua historia: talvez pela certeza de que em verdade elle só amou a uma noiva e só quiz profundamente a uma amante: a — Arte! E tanto que para a sepultura não levou as suas vestes talares de sacerdote, mas aquellas com que em casa escrevia as suas composições: — calças e jaquetão de seda roxa, e não sei se por travesseiro não lhe teriam posto sob a cabeça alguns dos seus manuscriptos...

JULIA LOPES DE ALMEIDA